

Lealdade, Humildade e Procedimento: A constituição do discurso de verdade na fundação dos Gaviões da Fiel.

O Corinthians, entre os anos de 1954 e 1977 viveu uma longa ausência de títulos. Venceu o Campeonato Paulista de 1954, ficando conhecido como campeão do quarto centenário da cidade de São Paulo, e voltou a vencer apenas no campeonato paulista de 1977. Durante esses 22 anos de ausências de títulos o Corinthians viveu uma década, entre 1961 e 1971, sob a direção de Wadih Helu, deputado da ARENA, partido da posição durante a ditadura civil-militar brasileira.

No contexto da década de presidência de Helu, o descontentamento das arquibancadas cresceu: fatores como a falta de liberdade de expressão no Parque São Jorge e a ausência de títulos são fatores que uniram frequentadores dos jogos e das dependências do clube. O marco fundador dessa aglutinação de torcedores com as mesmas críticas sobre a situação corintiana nas arquibancadas é 1965¹. Sem CGC, sem local próprio para reuniões, sem marcas distintivas nas arquibancadas e predominantemente arquitetada por jovens, foi assim que se deu o foco de descontentamento que anos depois seria responsável pela fundação dos Gaviões da Fiel.

Sobre os anos entre 1965 e 1969 são raras as fontes, documentos e versões encontradas sobre qual era a atuação desse grupo de jovens tanto nas arquibancadas quanto na política interna do Corinthians. Lacunas estas que despertam a questão de qual a especificidade surgida em 1969 para que esses torcedores descontentes com a política interna corintiana e que já partilhavam de certa unidade, mesmo que fluída e intermitente, procurassem a institucionalização como torcida organizada.

Para refletir sobre os anos anteriores à fundação dos Gaviões da Fiel e pensar sobre os anseios e as perspectivas dos primeiros tempos da instituição o presente artigo se valeu da revisão bibliográfico, da consulta à fonte institucional da torcida, seu site oficial www.gavioes.com.br e de duas entrevistas com torcedores que são reconhecidos e se afirmaram como integrantes da torcida organizada desde seus primeiros momentos. Heloísio Dutra, ou apenas Dutra, é reconhecido como um dos fundadores da torcida organizada e durante a época da entrevista, ocupava o cargo de presidente da Velha Guarda da torcida², a entrevista foi realizada em julho de 2011 na quadra do Movimento

¹ Informação institucional dos Gaviões da Fiel retirado de seu site: http://www.gavioes.com.br/?id_pag=172 acessado em 20 de agosto de 2011.

² Grupo criado em 2005, envolve fundadores, sócios antigos dos primeiros anos, ex-presidentes do Grêmio, conta hoje com mais de 1000 sócios, que desenvolvem atividades específicas dentro da torcida

Rua São Jorge, um grupo de torcedores que saiu dos Gaviões da Fiel, por discordâncias referentes à política interna e retornaram no ano de 2012 à torcida organizada. As diversas críticas feitas por Dutra a Cláudio Faria Romero e seu envolvimento nos primeiros anos dos Gaviões da Fiel me levaram a procurar o torcedor, conhecido no meio futebolísticas como Vila Maria para uma entrevista, que foi realizada também em julho de 2011, na sede do Sport Clube Corinthians Paulista, onde Vila Maria era conselheiro à época.

Aguilera defende que havia um contingente de jovens frequentadores assíduos dos estádios, as torcidas organizadas tiveram por mérito aglutinar esses jovens e fazer com que os demais atores sociais, a mídia e o clube, principalmente, os percebessem (AGUILERA, 2004: 35). Contudo, pode se constatar que os torcedores descontentes que se uniram nas arquibancadas do Pacaembu e da Fazendinha não eram completos desconhecidos da direção corintiana, pois alguns deles faziam parte do quadro de associados dos clubes, bem como seus pais e avós, como me foi relatado por Vila Maria.

Significativo analisar como os mitos fundadores do Corinthians e dos Gaviões da Fiel trazem diversas similaridades entre si, espécie de torcida enquanto metonímia do clube. O cômodo humilde, com poucas pessoas sob a luz do candeeiro do nascimento do Corinthians³; vai se tornar a casa da família de Francisco Malfitani na Alameda Santos, local em que a ata de fundação dos Gaviões da Fiel foi assinada. As primeiras batalhas, o discurso de união de todas as classes e diferenças sociais faziam parte tanto do clube como da sua maior torcida organizada, como me relatou Dutra e também consta da história institucional dos Gaviões da Fiel⁴.

Apesar de já contarem com relativo apoio nas arquibancadas, a reunião inaugural contou com poucos interessados, apenas doze pessoas assinaram a ata de fundação da agremiação na reunião do dia primeiro de julho de 1969. Alguns presentes por serem menores de idade não puderam assinar a ata, mas estavam presentes, caso de Heloísio Dutra redator da ata.

O livro-ata, que após a abertura do Grêmio Gaviões da Fiel – Força Independente em prol do Corinthians passou décadas desaparecido, contou também com

organizada, como jantares e confraternizações, fornecem apoio estrutural reformando espaços da quadra e cuidam de documentos históricos da entidade, como o primeiro livro-ata e as primeiras fichas de filiação.

³ Referência clássica e até certo ponto aceita por torcedores, pelo clube e por meios de comunicação de massa para a reunião de fundação do Sport Clube Corinthians Paulista em 1910.

⁴ Informação institucional do site dos Gaviões da Fiel: http://www.gavioes.com.br/?id_pag=172 consultado no dia 02/10/2010.

versões forjadas posteriormente, segundo Dutra. Encontrado o livro-ata original há pouco tempo está sob o domínio dos Gaviões e encontra-se guardado junto à Velha Guarda da torcida, esteve até então sob os cuidados de Cláudio Faria Romero, o Vila Maria.

O status de fundador e mesmo a hierarquia que se constitui a partir do tempo de permanência na torcida são elementos de intensa disputa dentro dos Gaviões da Fiel. Apesar de Dutra, durante a entrevista, reafirmar por diversas vezes a igual importância entre um novo sócio e um fundador, pois ambos, mesmo que em momentos diferentes, aderiram ao mesmo projeto ou à mesma loucura, as situações e a correlação de poder relatada pelo entrevistado e observada ao longo do trabalho de campo não permitem tal afirmação.

A percepção, compartilhada entre mais velhos e mais jovens, de que o título de fundador traz uma ascendência moral e diversas benesses, materiais ou não, faz com que a polêmica seja freqüente na Velha Guarda. Segundo relato de Dutra, muitos torcedores que chegaram aos Gaviões já muitos anos após a fundação reivindicam ou mesmo consideravam-se publicamente como fundadores. Na visão do entrevistado o expediente de reivindicar-se fundador dos Gaviões da Fiel tem como objetivo a busca do poder, seja ele a participação na presidência ou no conselho vitalício, ou ser indicado aos espaços que movimentam vultosas quantias de dinheiro.

Nos Gaviões da Fiel, a história tem valor significativo e se faz presente nas relações do cotidiano da alta cúpula. Não se deve cair na armadilha de uma história positivista, que se atribui o papel isento de relatar os fatos ocorridos no passado tal qual eles foram ou se mostram ao pesquisador. Nos Gaviões, não diferente de todos os outros espaços da sociedade, a escrita da história diz muito da atualidade e dos modos como a correlação de forças se organiza e reorganiza ao longo do tempo.

Assim, periodicamente surgem novos fundadores, sócios que se dizem mais velhos do que de fato são, realizações que mudam de dono. Toda a sorte de infortúnios à investigação histórica dos primeiros anos dos Gaviões da Fiel. As fichas de inscrição que poderiam esclarecer e mesmo o recém-encontrado livro-ata dos primeiros anos, parecem não conseguir encerrar as contradições, pois existem diversos conceitos do que é ser fundador. Muitos dos que acompanhavam as conversas sobre formar o grêmio, acompanhavam o grupo nas arquibancadas reivindicam-se também participantes desse seleto rol de fundadores, segundo Dutra, que apesar de concordar com o direito destes torcedores que estiveram sempre junto, mas não se filiaram, afirma que só é fundador

que está documentado como tal. O que se apresenta ao pesquisador são versões que por diversos meios e estratégias buscam afirmar seus pontos de vista e referendá-los por meio da escrita histórica.

Os documentos não são necessariamente capazes de toda a apreensão do fenômeno da fundação dos Gaviões da Fiel, e isso parece ser consenso entre os que confirmadamente estavam na fundação. Em primeiro lugar porque muitos dos que acompanhavam o movimento dentro dos estádios não tinham o interesse de regulamentar a organização e depois pelo poder do discurso e como ele se afirma enquanto verdade hegemônica ao longo dos anos.

Assim, o que de fato aconteceu na casa de Francisco Malfitani e os acontecimentos dos meses posteriores soam apenas como uma das diversas versões que existem para a fundação dos Gaviões, que sofre constante processo de interpretação, adaptação e resignificação. Admitindo de antemão que essa será uma das versões sobre a fundação dos Gaviões da Fiel, por todas as limitações documentais e do saber histórico impostas à pesquisa, não está isenta de importância na constituição do mosaico de versões em prol do conhecimento. A questão de interesse central não é o retrato dos fatos objetivos, mas como os diversos discursos são articulados pelos atores ao longo dos 40 anos de história da torcida.

Contudo, não se deve argumentar que a fundação dos Gaviões não forneça indícios relevantes sobre a organização. A partir da lista de fundadores, podem-se apreender questões relativas a quem eram os interessados na organização formal e registro cartorial dos Gaviões da Fiel, e pela reflexão sobre as ausências, descobertas em entrevista com Dutra, quem não pensava ou se importava com esta perspectiva.

A partir do relato de Dutra e Vila Maria é possível apreender que os envolvidos na reunião fundadora na casa dos Malfitani tinham um perfil semelhante: membros de uma classe-média urbana, cursavam ensino superior voltado às áreas de humanidades, militantes do vasto espectro das organizações ilegais de esquerda e principalmente, corintianos frequentadores de estádio. Flávio de La Selva estudante de Direito da USP, enquanto Joca cursava Filosofia, Dutra se tornaria economista, Chico Malfitani jornalista e Vila Maria formado em História são apenas alguns exemplos.

Do outro lado, daqueles que não compareceram à reunião e não almejavam um modo organizativo, o que me foi relatado por Dutra era que esses só se interessavam por ficar junto nas barracas da praça Charles Miller, arquibancadas e na hora da cerveja. Não queriam compromisso com um projeto maior. Eles estavam lá desde o começo,

melhor, desde antes do começo, mas não desfrutavam do mesmo status dos pais fundadores dos Gaviões da Fiel. A apreciação genérica de Dutra sobre alguns desses torcedores foi de que eram ‘porra-loca’ demais para se importarem com o que estava acontecendo, com o futuro do Corinthians e do Brasil, ou como o próprio Dutra, em um segundo momento disse, poderia ser que a educação a que tiveram acesso não lhes possibilitasse tal entendimento. Mas esses torcedores, deixados em segundo plano pela história da instituição, na versão de Dutra, acreditavam e quando os Gaviões da Fiel se tornaram uma torcida aderiram, pois algo os fazia acreditar no triunfo do projeto, seja lá o que isso significasse naquele momento.

As diferentes perspectivas e projetos para as torcidas organizadas são fenômenos recorrentes entre torcidas organizadas, na visão de Toledo:

Dada a complexidade e variedade de expectativas que animam os subgrupos em uma torcida pode-se constatar projetos diversificados de ação e participação na esfera pública, que extravasam os limites do universo do futebol e põem sob suspeita as explicações mais simplistas sobre o comportamento monotemático e marginal desses agrupamentos. (TOLEDO, 2002: 230)

Sob a mesma perspectiva de Toledo, na fundação dos Gaviões da Fiel existe uma imensa diversidade de interesses e graus de participação que se acomodam sob a mesma instituição. Não compactuo com a representação de que essa convivência seja sempre harmônica e possível, os casos das rupturas internas na TUSP e nos Gaviões, formando respectivamente a Tricolor Independente e a Camisa 12 são provas disso, mas na maioria dos momentos os diferentes interesses e perspectivas coexistem, podendo ser ignorados ou resolvidos internamente.

Os Gaviões da Fiel nascem sob uma divisão que perdurou décadas e seus ecos ainda podem ser sentidos: a divisão entre uma cúpula diretiva de classe social mais elevada e maior vivência no sistema educacional, e uma base heterodoxa que vai incluir membros das classes populares, novos sócios com anseios diversificados em relação à torcida e jovens atraídos pela aventura de fazer parte dos Gaviões da Fiel (CÉSAR, 1981; AGUILERA, 2004).

Ao afirmar tratar-se de uma divisão, creio que tal não deva ser interpretada de modo rígido, como uma barreira intransponível. A participação no conselho ou na presidência não estava vedada a ninguém, a questão central é que o indivíduo teria que compactuar com a idéia dos Gaviões, idéia essa gestada entre os fundadores e afirmada pelo discurso ao longo dos anos. Ou seja, para galgar degraus na escala burocrática o

indivíduo tem que mostrar que tem proceder⁵. Caso o contrário, o processo de renovação de lideranças não seria possível (CÉSAR, 1981).

O comprometimento com o projeto integral dos Gaviões não era pré-requisito para a amizade entre os membros. Nas palavras de Dutra, a alta cúpula tinha consciência que os graus de envolvimento seriam diferentes. Os ‘porra-loca’ e o pessoal que queria só comparecer aos jogos junto da torcida viviam em harmonia e intensa relação com os diretores. Assim, a cerveja nos bares do centro de São Paulo congregava a todos, as jocosidades e brigas com os adversários eram para quem quisesse, o cotidiano torcedor era partilhado por todos, cada um ao seu modo.

Aguilera interpreta que as torcidas organizadas vão sistematizar práticas utilizadas pelos torcedores desde o início do século. As caravanas, os fogos, as bandas musicais (baterias), a ocupação de um local específico na arquibancada. O autor afirma que uma característica ressaltada pelos jornais da década de 1970 sobre esses novos torcedores é a fidelidade, fervor, esforço, dedicação.

As características de fidelidade, fervor, esforço, paixão imputadas aos torcedores organizados na década de 1970 vão aliar-se às representações sobre o Corinthians como clube dos populares, metonímias da diversidade de raças e condições sociais brasileiras:

Enquanto o Corinthians é o clube das ‘raças misturadas’ ‘ o mais autenticamente brasileiro’ sua torcida é designada como ‘ a grande massa assalariada’, ‘ mais pobre e de pouca mobilidade social’, ‘os explorados’. Através dessas duas operações os debatedores, e a Folha de S. Paulo por meio deles, fazem do Corinthians e sua torcida um objeto de representação política que, via classe ou via raça, indica uma maioria pobre e mestiça: o povo. (AGUILERA, 2004: 51)

A combatividade dos Gaviões da Fiel vai dar as primeiras mostras nas eleições presidenciais do Corinthians no ano de 1971. Conforme o que me foi contado por Dutra, o grupo constituído por Wadih Helu, que tinha forte apelo junto aos conselheiros vitalícios corinthianos, denominava-se Revolução Corinthiana⁶, seria uma revolução contra o perigo vermelho no Corinthians e um eficaz meio de amealhar potenciais votantes para a ARENA e para si próprio⁷.

⁵ O Procedimento é um dos três pilares dos Gaviões da Fiel juntamente com a Lealdade e a Humildade, significa que o membro não pode falhar com o sistema ético e de normas da torcida. Desta forma, o Procedimento é um conceito extremamente maleável, conforme o momento histórico, o indivíduo que o usa e também a situação em que é utilizado.

⁶ Nome dado em homenagem ao Golpe Civil-Militar de 1964.

⁷ Helu aproveitando-se da grande repercussão que o Corinthians desfrutava no estado de São Paulo utilizava a equipe de basquete corinthiana para excursões pelo interior do estado para fortalecer a sua candidatura à deputado estadual e a imagem da ARENA.

Contudo, Benedito Tadeu César (1981) e a Revista Veja, do dia 7 de abril de 1971, vão tratar por Revolução Corinthiana o movimento que congregava os simpatizantes, de Miguel Martinez, rival de Wadih Helu nas eleições presidenciais do Corinthians em 1971. A Revolução Corinthiana, a partir da revista e do antropólogo seria um grupo vasto, no qual também estavam inseridos os Gaviões da Fiel, na busca por novos ares, menos opressivos que poderiam chegar ao Corinthians com a saída de Helu da presidência. A ideia inicial dos Gaviões da Fiel de alijar Wadih Helu do poder aconteceu em 1971, com a eleição de Miguel Martinez (CÉSAR, 1981).

Na busca pela vitória de seu candidato Matheus buscou a aliança com os Gaviões da Fiel, inicialmente por saber que na organização havia muitos sócios do Corinthians e também para contribuição na panfletagem e cooptação de outros membros do conselho, conforme relato de Dutra.

Segundo Dutra, as conversas entre Matheus e Flávio de La Selva, então presidente dos Gaviões da Fiel, ocorreram na empresa pavimentadora do candidato corintiano, e a exigência do representante da torcida era o fim da reeleição no estatuto do clube do Parque São Jorge. A Revista Veja em sua edição 135 apresenta um breve retrato da política interna corintiana, após a vitória da oposição no pleito de 1971:

A derrota de Wadih completa um ciclo de afastamentos de velhos dirigentes e confirma a tradição corintiana: em 1959, ele se uniu a Vicente Matheus para derrubar o presidente Alfredo Inácio Trindade; em 1961, Trindade se uniu a Wadih, para derrubar Matheus; em 1971, Matheus se uniu a Martinez (velho amigo de Trindade, já falecido), para derrubar Wadih. Nesse palco, onde segundo se deduz só cabem poucos personagens, está sendo representada a própria tragédia corintiana, enquanto a platéia, uma das maiores torcidas do Brasil, espera sofredamente pelo final feliz – um título de campeão paulista (ausente desde 1954). (Revista Veja, 7 de abril de 1971, edição 135: 71)

Os Gaviões da Fiel que se colocavam contra o continuísmo, contra as práticas políticas caras aos setores mais reacionários da sociedade brasileira dentro do Corinthians, representados pelo modo personalista e anti-democrático de dirigir o clube de Helu e pelo fim da fila, viram na aliança com Matheus a chance de atingir esses objetivos, conforme relatou-me Dutra.

A Revolução Corinthiana, assumiu um caráter revolucionário apenas no nome, nada mais era que uma reforma dentro das estruturas de poder já pavimentadas dentro do conselho corintiano. Apoiar Martinez, e por trás dele Matheus, significava apenas uma alternância no grupo político que exerceria a direção do Corinthians, no máximo a possibilidade de que a reeleição e a solidificação de um mesmo candidato no poder tivesse fim. No entanto, ao invés de promover críticas à atuação institucional dos

Gaviões da Fiel ao apoiar Martinez, a reflexão mais cabível era das benesses e objetivos que a agremiação poderia azealhar a partir da vitória do candidato de oposição.

A afirmação da existência e mesmo da importância fundamental da estrutura no plano político, social e nos comportamentos dos indivíduos não pode ser visto como a negação das atitudes individuais ou de grupos. Mas sim reconhecer que essa liberdade é o modo como os indivíduos pensam e agem dentro de determinada estrutura, a seu favor ou a favor dos seus. Assim, a estrutura não atesta a inexistência da liberdade ou a negação da possibilidade de mudanças, mas o reconhecimento de que cada tempo histórico tem suas delimitações sejam elas sociais, do pensamento e no caso brasileiro do final dos anos 1960, o que chama mais atenção é a estrutura política, baseada na coerção e nas saídas restritas nos espaços institucionais (REIS, RIDENTE & SA MOTTA, 2004).

Analisar a relação entre o poder instituído no Corinthians e a vontade reformista dos Gaviões da Fiel, não responde apenas ao espectro restrito da relação de forças dentro do clube, mas é indicativo de como questões sociais e políticas fundamentais ao momento histórico chegam ao futebol. Em entrevista com Dutra, sócio fundador, a preocupação do entrevistado foi de reafirmar que a derrubada da Revolução Corinthiana não era o anseio final da torcida, mas que o movimento deveria contribuir para a redemocratização do país.

A filiação de muitos dos fundadores da torcida organizada com instituições marxistas de esquerda, toda elas na ilegalidade, e a militância na UNE⁸, transparece que a luta por maior democracia no Corinthians era apenas uma das preocupações dos jovens fundadores dos Gaviões da Fiel. Por isso, atribuir a importância dos Gaviões da Fiel somente à sua atuação como suporte à equipe de futebol corintiana dentro do estádio seria diminuir por demais a sua importância social na cidade de São Paulo, ignorar o movimento de pressão política, e o incentivo posterior à fundação de torcidas organizadas em São Paulo após a sua fundação.

Desta forma, o trabalho político dos Gaviões da Fiel seguia as possibilidades abertas pela estrutura corintiana, com maior liberdade, possibilidades de alianças e um embate político aberto, apesar dos diversos embates com os seguranças do Corinthians e de Helu, ‘gente do DEOPS’ como me relatou Dutra. Já no amplo espectro político nacional a relação desses indivíduos com as esquerdas tinha de seguir outros

⁸ União Nacional dos Estudantes.

parâmetros: reuniões escondidas, ações planejadas em pequenos grupos e o cuidado com os órgãos de repressão. Enquanto, no Corinthians a possibilidade que se punha era de uma atuação reformista, nas questões relativas à política brasileira o viés adotado foi a busca pela derrubada completa da ordem vigente.

Dentro de uma estrutura social e política, em que a organização de grupos, sob qualquer interesse era vista como suspeita, principalmente depois do AI-5, o nascimento dos Gaviões da Fiel é algo relevante para o momento político. As associações, mesmo que para fins declaradamente não-políticos⁹, já constituíam um enfrentamento à estrutura vigente.

A resistência desses torcedores não foi só a uma década de presidência de Wadih Helu, mas também foi a resistência ao sistema político vigente, mesmo que sem propostas de amplo espectro político a existência dos Gaviões da Fiel em si e sua posterior notoriedade mostram que o associativismo ainda era possível, por mais vigiado que fosse.

Os Gaviões da Fiel, que desde a fundação marcaram seu caráter autonomista frente ao Corinthians em seu nome de batismo ao acrescentar o termo Força Independente em prol do Corinthians, a partir de 1971 contaram com um potencial aliado como presidente. Mas ao contrário do que podia parecer à primeira impressão Martinez tinha outros planos para a torcida quase levando à ruína a incipiente formação torcedora.

O objetivo de Miguel Martinez como presidente corintiano era trazer os Gaviões para dentro do Parque São Jorge, torná-los a torcida oficial do Corinthians. Conforme relato de Dutra o interesse desta apropriação vinha de Matheus, com quem a torcida organizada havia tratado o apoio à chapa vitoriosa. Ao trazer para dentro dos portões do clube o potencial contestador dos Gaviões da Fiel, seria muito mais simples suprimi-lo. O expediente usado por Martinez prometia recompensas significativas para aqueles que aderissem à oportunidade de tornarem-se essa torcida organizada oficial do Corinthians, todas as necessidades da torcida arcadas pelo clube (CÉSAR, 1981: 58-9).

A escolha posta era entre as diversas benesses oferecidas pela diretoria corintiana, que agia no objetivo de encampar os Gaviões da Fiel, e a liberdade e a autonomia do movimento. Contudo, não podemos pensar que a forma organizativa que propiciou a decisão tenha advindo do centralismo democrático, muito pelo contrário o

⁹ Se é que fins não políticos existam.

processo que se deu foi de ruptura e fundação de uma nova torcida, o que quase causou o esvaziamento dos Gaviões da Fiel por falta de sócios, na visão de Benedito Tadeu César (CÉSAR, 1981) também atestado por Claudio Romero, um dos artífices da ruptura, porém negado por Dutra.

Através do relato de Luís Carlos (CÉSAR, 1981), responsável pela palestra aos novos sócios nos Gaviões da Fiel, César relatou as dificuldades criadas pela cisão criadora da Camisa 12 à continuidade dos Gaviões:

Como os Gaviões não aceitaram se transformar numa torcida oficial e, inclusive passamos a fazer oposição à diretoria do Martinez, eles criaram a Camisa 12. Chamaram o Vila Nova¹⁰ e ofereceram a ele todas as vantagens que a gente tinha recusado. Ele, que era um Gavião, traiu a gente e junto com outros receberam instrumentos para a bateria, uniformes, ingressos, passagens e condução grátis. Mas tinham que fazer tudo o que eles queriam. A Camisa 12 chegou até a ser maior do que a gente. Foi um tempo difícil. Nós éramos poucos e sofriamos pressão de todo lado. A diretoria do Corinthians chamava a gente de arruaceiros, moleques e os jornais apoiavam. Bastava um de nós entrar numa briga e já vinha pau na gente. A imprensa fazia o maior estardalhaço. Tratavam a gente como bandidos. Mas nós fomos crescendo e hoje somos a maior torcida de São Paulo, e talvez do Brasil. Mas foi muito difícil limpar nosso nome. E isso a gente conseguiu porque a gente é mesmo diferente dos outros. (CÉSAR, 1981: 58-9)

A nova torcida fundada a partir da ruptura, envolvia egressos dos Gaviões da Fiel e assumiu o nome de Camisa 12, ou seja a torcida que joga junto com o time. “Dos cerca de 500 membros, restaram menos de 100, aceitando os benefícios e imposições da diretoria...” (CÉSAR, 1981 p.101). Conforme César, que desenvolveu sua pesquisa de campo já alguns anos após o acontecido, mas com acesso a muitos dos envolvidos neste momento histórico, se pode atribuir identidades tanto aos que ficaram como àqueles que saíram. O conflito manifesto pela dicotomia Gaviões da Fiel e Camisa 12 poderia ser sinalizado por outros denominadores.

Para César, que teve a oportunidade de entrevistar o sócio-fundador número 1 e primeiro presidente Flávio de La Selva, a ruptura teve um caráter de cisão entre a base e a cúpula, também tratada como racha entre a diretoria e as pessoas próximas a ela e os maloqueiros. O autor afirma que os maloqueiros, mais pobres e com menor acesso ao ensino, teriam sido seduzidos pelas benesses que seu dinheiro não poderia arcar, argumenta que o projeto político dos Gaviões, fazia sentido aos próximos, mas aos maloqueiros não ao ponto de negar as recompensas materiais propostas.

O excerto da dissertação de César aponta para um juízo classista sobre a ruptura que originou a Camisa 12, pois além de conceber a reflexão e atuação política a uma

¹⁰ Na realidade o nome correto é Vila Maria, apelido de Cláudio Romero.

elite econômica e cultural dos Gaviões da Fiel, apreende que a base seja vendável por não ter consciência política e, nem sequer, uma identidade arraigada aos Gaviões da Fiel.

Quem saiu dos Gaviões para formar a Camisa 12 foram exatamente os 'maloqueiros' da época. Os torcedores mais fanáticos, mas ao mesmo tempo, os de menor nível cultural e intelectual, além de pertencerem às camadas de renda inferiores dos fundadores da Gaviões. É principalmente o núcleo de estudantes, que havia fundado o Grêmio dos Gaviões como grupo de pressão e oposição à diretoria da época é que se mantém fiel a esse objetivo, não cedendo nem cooptando com a nova diretoria eleita, e que, inicialmente, recebia apoio. Isso não ocorre com o grupo mais numeroso dos mais incultos e de menor renda que dá origem à Camisa 12... (CÉSAR, 1981 p.168)

Além das questões fundamentais à manutenção da existência da torcida, a grande afluência de torcedores à Camisa 12 na primeira metade da década de 1970, superou em número os Gaviões e foi durante algum tempo a maior torcida do Corinthians e quiçá do estado. Situações que eram um empecilho à atuação política dos Gaviões (CÉSAR, 1981), tanto para manter suas portas abertas, na primeira sede da Santa Ifigênia, como para impor sua força política e reivindicativa.

No entanto, a versão que me foi relatada por Dutra traz diferenças significativas àquela que César teve acesso e formulou. Conforme Dutra os artífices da ruptura foram Cláudio Romero (Vila Maria), Cléber (Clébão) e Raul.

Vila Maria em nome dos Gaviões, apesar Flávio de La Selva ser o presidente no período e desconhecer as negociações, procurou tanto Helu como Matheus atrás das melhores benesses para os Gaviões da Fiel e para si. Segundo Dutra, Vila Maria era um oportunista, que queria apenas o melhor para si, não para o Corinthians e nem para os Gaviões. Concepção essa que a etnografia de César também observa nas representações feitas sobre Vila Maria pelos membros dos Gaviões da Fiel na segunda metade da década de 1970 (CÉSAR, 1981).

O acerto entre Vila Maria e Martinez/Matheus foi o marco fundador da Camisa 12, que rapidamente adquire sua sala nas dependências do Parque São Jorge, consegue sua bateria e panos para bandeira, além da entrada facilitada nos jogos, tudo como o prometido, inclusive a subserviência dos membros da nova torcida em relação à direção corintiana. Vila Maria, perguntado sobre o assunto, afirmou-me que a sala que foi usada pela Camisa 12 fora no passado a mesma usada pelos Gaviões da Fiel no Parque São Jorge, não existia, na sua visão, nenhuma benesse especial para a nova torcida.

Ao contrário de César que identificou uma ruptura entre alta cúpula e base nesse processo de saída de torcedores para a formação da Camisa 12, Dutra afirma que quem

saiu dos Gaviões fora o grupo mais próximo a Cláudio Romero. Desta forma, existem mostras que as articulações de bairro ainda faziam sentido dentro da torcida organizada, não foram relações que se dissiparam em prol de uma identidade maior dos Gaviões. Logo, Cláudio Romero, teve amplo apoio de seus colegas da área da Vila Maria e cercanias, com que tinha mais proximidade, devido à história compartilhada em anos de idas e vindas dos jogos e das sociabilidades de bairro.

Podemos concluir que o processo de formação dos Gaviões da Fiel foi um processo de aglutinação de formas já existentes de organização e performance torcedoras, além de um viés contestatório organizado à política corintiana, autocrática como a política brasileira do período.

A sensação de que os ventos da contestação que deram vida aos Gaviões da Fiel não eram só próprios à juventude ou à vontade torcedora, mas também à vontade política de seus integrantes, interessados em mudar um futebol conservador e clientelista, que nada estranhamente se parecia muito com um país chamado Brasil.

Bibliografia

AGUILERA, Camilo Toro. O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). Campinas. Dissertação de mestrado em sociologia apresentada no IFCH/Unicamp. 2004.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. O clube como vontade e representação – O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora 7 letras. 2009.

HOLLANDA, B., MALAIA, J., TOLEDO, L. & MELO, V. A torcida brasileira. Rio de Janeiro. 7 Letras. 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas organizadas de futebol. Campinas. Autores Associados. 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. Lógicas no futebol. Editora Hucitec/Fapesp. São Paulo. 2002.